

# Contabilista: uma profissão que pode e deve ser valorizada

A profissão de Técnico Oficial de Contas não tem tido vida fácil.

O autor considera que chegou o momento de ser dado o passo em frente, apresentando um princípio de solução sobre o que poderá ser o TOC do futuro.

Por **Daniel Bessa\***

O título deste depoimento pode parecer estranho, para não dizer mesmo desajustado: a profissão vive o que é, talvez, o momento de maior afirmação na sua história, em Portugal, com a criação da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas. Os momentos de júbilo, e de celebração, podem, no entanto, ser vividos de formas muito diferentes. Para uns são momentos de chegada e de descanso. Para outros, são momentos de partida para novos e mais exigentes desafios; não deixam de reconhecer o longo caminho percorrido, e de festejar o sucesso alcançado, mas fazem-no com os olhos postos sobretudo no futuro, com espírito de conquista. Há, em Portugal, cerca de 70 mil Técnicos Oficiais de Contas (TOC). Num país com uma população activa empregada que não excede, hoje, os 5 milhões de pessoas, os TOC representarão cerca de 1,4

por cento da população activa empregada; 1,4 em cada cem portugueses que trabalha é TOC.

Não é provável que todos estes 70 mil profissionais trabalhem ao mesmo nível de exigência e de qualificação. Não são, de resto, os únicos a exercer profissionalmente a contabilidade, no nosso País, com a profissão a segmentar-se em múltiplos ramos: economistas, gestores, fiscalistas, ROC, auditores externos, etc. Observa-se, entre estas diferentes actividades profissionais, um clima de sã concorrência, com cada uma a procurar o melhor posicionamento no que poderíamos designar de «hierarquia das profissões.»

O clima é de celebração. O ambiente é de concorrência. Pertencem ao grupo dos que, mais virados para o futuro do que para o passado, entendem que um momento tão exaltante como este em que nos encontramos tem de ser

aproveitado para novos passos, no sentido da qualificação e da valorização da profissão.

É o que passarei a tratar.

## Os entendimentos sobre o que é ou o que pode ser a Contabilidade

Não tenho formação para ter ideias suficientemente seguras sobre o modo como nasceu nem sobre o modo como evoluiu a profissão de contabilista. Falarei, portanto, apenas do que sei, ou do que julgo saber.

Há mais de 40 anos, o Professor Hernâni Carqueja esforçou-se por me convencer acerca de uma *scienza aziendale* que, salvo erro, teria começado a ser praticada nas repúblicas italianas. Assim começava a sua Teoria da Contabilidade, prolongando-se, depois, nas três actividades da Expressão, Medida e Análise, cada uma delas mais exigente do que a anterior.

Se bem entendi, e esforcei-me por entender, não era contabilista já no início da segunda metade do século passado, quem não dominasse estas três actividades, ou estes três segmentos de uma única actividade.

É certo que, já nesse tempo, havia quem tivesse da contabilidade entendimentos menos exigentes – o que, passe o aparte, não trouxe poucos incómodos, profissionais e mesmo pessoais, ao Prof. Hernâni Carqueja. Recordo-me de haver quem reduzisse a profissão a «uma técnica», presumo que apenas no campo da Expressão, porque a única que me parece enquadrável desse modo (deixando a terceiros a definição dos padrões da Medida e, ainda mais, a das metodologias da Análise, nem uma, nem outra, julgo eu, susceptíveis de serem tratadas como meras «técnicas»). Trata-se, no essencial, de diferentes entendimentos seja sobre a extensão, seja sobre o grau de exigência e de complexidade da profissão.

A língua inglesa conserva a expressão *book-keeper* que pode ser traduzida em português pela expressão «guarda-livros» (exercício profissional normalmente considerado pouco qualificado), mas também pela expressão «contabilista» (sugerindo que pode ter-se desta actividade profissional o mesmo relativamente baixo grau de qualificação que normalmente se associa àquela). Não é, seguramente, o que nos interessa: à mesma palavra em português, contabilista, gostaríamos de fazer corresponder, apenas, o *accountant* inglês.

Em Portugal, a consagração legal da profissão de Técnico Oficial de Contas e a criação, então, da Câmara dos Técnicos Oficiais de

Contas, ligou a profissão, a meu ver exageradamente, à temática da efectiva cobrança dos impostos devidos pelas empresas e pelas pessoas que nelas trabalham, o que, temos de compreender, não deixa de constituir um relativo “empobrecimento” – veja-se a distância a que nos coloca da *scienza aziendale* preconizada por Hernâni Carqueja.

O que, chegados aqui, espero possa tornar-se claro, é que a profissão pode exercer-se a diferentes níveis de exigência e de complexidade de desempenho.

Reconheço como saudável, e mesmo como positivo, para além de inevitável, o processo de segmentação que permitiu, a partir da contabilidade, a criação e a afirmação de outras tantas profissões (economista, gestor, fiscalista, auditor, ROC). Tal não implica que os que pretendem continuar a qualificar-se como contabilistas se deixem encurralar num entendimento estreito, ou menos qualificado, da sua profissão

É esta a essência do problema, tal como o vejo.

### **Caminhos de reforço da qualificação da profissão**

Cabe aos contabilistas continuar a lutar pela qualificação da sua profissão, criando todas as condições para que a mesma possa ver-se cada vez mais respeitada no que, quer queiramos quer não, sempre funcionará como uma hierarquia das profissões. Tenho a certeza de que é esta a preocupação maior dos seus líderes e da sua organização de classe (a Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas).

O caminho que vejo oferecer-se-me, e a que vou aludir, parece-me óbvio. Mais do que óbvio, parece-me uma oportunidade a

não perder.

A competitividade da economia portuguesa é hoje objecto de múltiplas discussões – discussões tanto mais acesas, e tanto mais dominadas por sentidos de gravidade, e de urgência, quanto os resultados que temos vindo a alcançar, e os que se perspectivam, nos próximos anos, nas condições prevalentes, não são bons nem auguram nada de bom. Nas múltiplas discussões sobre o que há a fazer para vencer este problema de falta de competitividade, sempre surge um lugar, e não é de somenos, para a necessidade de melhorar as estratégias e as operações das empresas portuguesas.

Há em Portugal empresas e empresas.

As empresas maiores, mais qualificadas ou apenas melhor sucedidas dispõem de meios humanos (gestores, quadros superiores) ou do acesso a meios humanos (por exemplo, através da contratação de serviços de consultoria) ao nível do melhor que há no Mundo – conclusão a que já tínhamos chegado, por via dedutiva, pelo grau de globalização dos mercados onde se seleccionam tanto estes profissionais como estes prestadores de serviços, e que vemos agora confirmada pelos valores que as maiores empresas portuguesas têm vindo a pagar seja pela contratação destes colaboradores, seja pela aquisição destes serviços.

É completamente diferente a situação das pequenas e médias empresas – a esmagadora maioria em Portugal como em qualquer outro país do mundo. A quase totalidade destas empresas, tanto mais quanto mais pequenas, não permite nenhuma segregação de funções, sobretudo nas áreas normalmente consideradas administrativas ou

de *back-office* que, numa primeira análise, só contribuem para a “última linha” da conta de resultados como custo. Todas estas empresas têm um contabilista; não vejo forma de qualificar a sua gestão que não passe pela qualificação e pelo aumento dos graus de complexidade e de sofisticação do serviço que lhes é prestado pelo seu contabilista.

### O “clínico geral” por onde passará a gestão das PME

Vejo o contabilista como o médico de medicina geral: é com ele que começa por se confrontar a quase totalidade da população, seja quando se trata de recuperar a saúde, seja, cada vez mais, quando se trata de prevenir a falta dela. É certo que, na saúde, a assumpção de responsabilidades públicas, permitirá, em segunda instância, que uma boa parte da população venha a usufruir dos serviços de clínicos especializados. Não é, no entanto, o que sucede na área das empresas e da sua gestão, em que, durante muito tempo, a quase totalidade não disporá de outros serviços que não os prestados pelo “clínico geral”; acresce, na hora de proceder ao necessário upgrade, que só o clínico geral se encontra em condições de seleccionar a melhor opção entre os vários fornecedores de serviços especializados que o mercado oferece, e que podem ser contratados, e de com eles dialogar (seja para identificar o problema, seja para formular a encomenda, seja para compreender a resposta que lhe vai ser dada, seja, sobretudo, para implementar o que tiver de ser implementado).

Muitas empresas pequenas têm um economista e um contabilista, ou um gestor e um contabilista, ou um financeiro e um contabilista. É natural que o economista, o gestor

ou o financeiro chamem a si algumas das funções do contabilista (a Medida e a Análise, na formulação de Hernâni Carqueja). Não restará, ao contabilista, muito mais do que aceitar o menor grau de qualificação da função que se lhe encontra cometida ou, numa atitude mais pro-activa, tentar subir na hierarquia das funções que pode desempenhar, do valor que pode criar e da remuneração a que pode aspirar: «Não faça isso tudo; ocupe-se da estratégia, das operações, das finanças; faça melhor o que só você sabe fazer e deixe o resto comigo; posso tratar do orçamento, do controlo da execução orçamental, ou, em termos ainda mais amplos, de uma parte considerável do processo de planeamento e de controlo de gestão, podendo ocupar-me do *scorecard*, do sistema de informação que se torna indispensável para o suportar, do controlo de execução que, no final, dá sentido a todo o exercício. Não posso, evidentemente, fazer isso tudo sozinho, como ninguém será capaz de o fazer sozinho, nem é desejável que o faça, mas posso assumir a responsabilidade integral por uma boa parte do trabalho subjacente.»

Se este diálogo é possível nas empresas em que o contabilista coexiste com um economista, com um gestor ou com um responsável pela gestão financeira, nas empresas mais pequenas não há alternativa: ou o contabilista chama a si estas funções ou elas não serão exercidas, pura e simplesmente. Se elas não forem exercidas, os processos de gestão não melhorarão, o mesmo acontecendo com a produtividade, a competitividade, os resultados do empresário e, no limite, os salários de todos os que lá trabalham (a não ser por força de um

acaso, que sempre pode acontecer, como em tudo na vida).

### Reforçar competências e delas fazer o marketing

Para seguirem este caminho, os contabilistas precisam, primeiro, de dispor desta nova gama alargada de competências.

Como tem vindo a suceder, julgo que com a totalidade das Ordens profissionais, a OTOC prestará um bom trabalho no momento de desenvolver, e de aprofundar, as competências de que depende o ingresso na profissão – por parte dos contabilistas mais jovens, ainda a frequentarem o sistema de ensino. No que se refere aos já estabelecidos, prestará também um bom serviço, a OTOC, quando, aos que não dispuserem de todas as competências em questão, ou não dispuserem das mesmas com o mais elevado grau de exigência que vier a ser definido, lhes oferecer a via de as adquirirem, no âmbito de processos de formação contínua, pós-escolar.

Para prosseguirem este caminho, os contabilistas precisam também de fazer a comunicação e o *marketing* desta sua nova gama alargada de competências. Junto dos colegas de outras profissões, a quem têm de demonstrar a vantagem de um alargamento do âmbito das suas funções. Junto dos próprios empresários, sobretudo no caso das empresas mais pequenas, a quem têm de fazer a demonstração do mais valor que pode ser criado pela utilização destas competências e dos processos de gestão por elas suportados.

Com o acabado de expor não estamos a dizer que muitos contabilistas não dispõem já deste mais elevado grau de qualificação, nem que muitas das escolas onde hoje se

processa o ensino da contabilidade as não incluem já nos seus *currícula*. Há casos e casos, escolas menos boas e escolas melhores, onde o problema se encontrará já integralmente resolvido; estamos apenas a pugnar que, caso não o esteja em todas, ou naquelas em que o não esteja, deverá pôr-se toda a pressão para que passe a está-lo.

### Contributo para a definição do conteúdo mínimo de uma nova profissão de contabilista

Não sou competente para definir, com exactidão, o conjunto de competências e a extensão mínima de alargamento do âmbito da função para que, doravante, alguém possa utilizar o título de contabilista. Tenho, no entanto, algumas convicções muito fortes, para não dizer algumas certezas, que me permitem afirmar que, nesta nova acepção, a contabilidade:

Vai muito para além da escrituração e da guarda dos livros, incluindo a de toda a documentação de suporte (organização e gestão de um sistema de arquivo);

Vai muito para além da relevação, ainda que dentro dos cânones dessa extraordinária invenção que foram as partidas dobradas;

Vai muito para além da elaboração das peças contabilísticas convencionais (balanço, conta de resultados e demonstração dos fluxos de caixa) e das notas que esclarecem, quando não dão sentido, aos valores apresentados;

Vai muito para além da criação de condições para que o Estado possa receber todos os impostos que se sente no direito de receber, a partir da actividade desenvolvida nas empresas, e para que seja dada execução às normas de um qualquer SNC – Sistema de Normalização Contabilística ou de

uns quaisquer IFRS – *International Financial Reporting Standards*;

Tem de envolver-se, a fundo, nas questões do valor e da valorimetria de activos e de passivos, e de operações de qualquer natureza, muito para além da aplicação de normas produzidas por terceiros (a questão da Medida);

Tem de envolver-se, a fundo (a questão da Análise) na análise dos resultados constantes das peças contabilísticas, sendo capaz de, a partir dessa análise, demonstrar ao empresário os pontos fortes e os pontos fracos do seu negócio, as ameaças a que está submetido e as oportunidades que se lhe oferecem, através de adequados exercícios de *benchmarking*;

Tem de envolver-se, a fundo (como normalmente já o faz) na problemática do custeio de produtos, actividades e áreas de negócio, para cada um ou para cada uma das quais terá de ser capaz de apurar resultados contabilísticos, rentabilidade tanto de capitais investidos como de capitais próprios, etc.;

Tem de ser capaz de lidar com a questão dos orçamentos e do controlo da execução orçamental, sendo capaz de apurar desvios, de identificar as suas causas e de propor as necessárias medidas correctivas;

Tem de dominar o essencial do que é um processo de planeamento e de controlo de gestão, sendo capaz de participar na definição de um conjunto de objectivos (*balanced scorecard*), na implementação e na alimentação de um sistema de informação capaz de suportar processos de gestão com este mais elevado grau de sofisticação, na extracção e na interpretação dos seus resultados, sendo ainda, no mínimo, capaz de participar no processo de discussão interna destes resultados e das medidas que se torne ne-

cessário adoptar para os melhorar; Tem, por último, de ser capaz de se envolver, de forma responsável, na produção das normas aplicáveis e dos sistemas em que se constituem (IFRS, SNC), e não apenas na sua execução, com maior ou menor dificuldade.

### Conclusão

Como gostava de dizer o grande economista John Maynard Keynes, «sinto-me mais ligado ao essencial das minhas ideias do que à forma particular como as plasmei.» O que há de mais importante neste pequeno texto, julgo eu, são o seu ponto de partida e o seu ponto de chegada: o propósito que o anima, o problema que julga identificar, o princípio de solução que gostaria de ter ajudado a delinear. Tudo o mais é circunstancial, susceptível de ser melhorado, e muito, por todos aqueles que, revendo-se no essencial, estarão em muito melhores condições do que o autor para dar a melhor resposta concreta ao problema identificado, e para a implementar.

Desafiada, nos últimos anos, por um conjunto de concorrentes poderosos, a profissão de contabilista não tem tido vida fácil. Julgamos chegado o momento de formular uma resposta, contra-atacar. Como em tudo na vida, acabará por evidenciar melhor desempenho quem for capaz de melhor compreender o meio em que se insere, quem for mais capaz de transformar ameaças em oportunidades, quem se mostrar mais flexível, mais adaptável, mais rápido a responder, em sentido única e exclusivamente determinado pela necessidade de tornar mais forte a sua espécie. ☘

\*Presidente do Gabinete de Estudos da OTOC